

~~12~~ #1 #

Leandro Gomes de Barros

A FORÇA DO AMOR

(COMPLETA)



PREÇO

1000 Rs.

A venda

Recife

Rua do Alecrim n. 33



A força do amor

1
Nestes versos eu descrevo
A força que o amor tem
Que ninguém pode dizer
Que não ha de querer bem,
O amor é como a morte
Que não separa ninguém.

2
Marina era uma moça
Muito rica e educada,
O pai d'ella era um barão
De uma familia illustrada:
Mas ella amou a Alonso
Que não possuia nada.

3
Ambos nasceram n'um sitio
No dia e na mesma tarde,
Pegaram logo a se amar
Com nove annos de idade;
Se todos dois fossem ricos
Eram casal de igualdade.

2
B
Quilto Livro de Marina

Alonso era um engeitado
Sem ter de familia o nome,
Criado por um ferreiro
Trapilho e passava fome,
Pois quem é criado assim
Todos os dias não come.

Pelas mercês de Marina
Alonso poudo estudar,
Marina não tinha mãe
Se sujeitava a tirar
Do dinheiro do barão
Para Alonso sustentar.

Estavam com vinte e dois annos,
Dispoz-se um dia Marina
Disse a Alonso: me peça.
Veja o que a sorte destina:
E' bom que saiba logo
Meu pai que determina.

Amanhã pelas 10 horas
Você vá ao barão,
Chegue lá declare a elle
Que pretende minha mão;
Conforme o que elle disser
Eu tomo resolução.

Se não faltar-lhe a coragem
Havemos de conseguir,

Meu pai não é raio electrico
Que nos possa consumir
Ou faz como nós queremos
Ou então vê eu sair.

Alonso ahi respondeu-lhe:
Não obsta elle ser barão,
Titulo comprado não pode
Comprar a um coração,
Elle é mortal como eu
Um de nós perde a acção.

Elle pode desherdal-a
Tomar tudo que fôr seu
Casar-me com moça rica
Não é interesse meu
Amo-o mais que minha vida
Escravo de amor sou eu.

No outro dia as dez horas
Alonso foi ao barão
Chegou com toda coragem
E fez-lhe a declaração.
Que amava a filha delle
Pretendia d'ella a mão.

Exclamou logo o barão:
Es assim tão atrevido
Não respeita mais a mim?
Aonde estás tu mettido?

Então eu tenho uma filha
Para dá-la a um bandido? *a*

Disse Alonso: Sr. Barão
Não obsta eu ser um pobre,
Sua filha é potentada
Me ama sem eu ser nobre
Amor não olha a riqueza
Ainda que a pobreza dobre.

O barão chamou tres praças
Deram-lhe voz de prisão;
Arrastaram o pobre Alonso,
Como se fosse um cão;
Ou fosse algum insolente,
Um criminoso, um ladrão.

O barão chamou a filha,
Perguntou se tinha dado
Consentimento a um bandido
Que o tinha injuriado?
Pedindo a mão da filha *la*
Sendo elle um desgraçado.

Fui eu: respondeu Marina.
Que mandei elle pedir,
O amo desde pequena
Se o amor não conseguir
No solo do cemiterio
Irei com elle me unir.

O barão corou e disse:
Descance seu coração,
Se você casar com elle
Eu deixo de ser barão;
Pois eu morto, as minhas cinzas
Reconhecem o meu brazão.

Eu já mandei-o prender
E fiz recommendação,
Que não consentisse alguém
Levar a elle agua e pão,
Creio que mais de dez dias
Não terá de duração.

Disse Marina: meu pai
Póde se enganar,
Ainda Alonso morrendo
Se o atirarem no mar
Me lançarei ao abysmo,
E vou com elle parar.

Porque se elle é pobre assim,
Não tem pai, foi engeitado,
E' pobre mas tem orgulho
De dizer sou homem honrado,
Pode a sorte proteger
Será elle um potentado.

Cale-se infeliz maldita!
Fallou irado o barão;

Se articular mais con mimigo
Eu boto-a n'uma prizão,
Mato-a de baixo dos ferros
Lhe acabo a opinião.

Pai
Mecia
Póde matar disse ella:
~~Satisfaca esta paixão,~~ *a briga*
~~Que~~ pai me aniquilla os dias.
Mas não minha opinião,
Só Deus sabe mais ninguém
O que tem no coração,

Se recolheu ao seu quarto
Deixando o pai no salão
Estudando qual o meio
D'ella enganar o barão,
E como podia tirar
O amante da prizão.

Depois de pensar um pouco
Chamou a criada della,
Disse que fosse á cadeia
E fallasse ao sentinella,
Que ella mandava dizer
Que fosse fallar com ella.

²⁶
Recebe o guarda o recado,
E promptamente chegou
Ella estava no jardim,
E ao guarda fallou

Não houve ahi quem soubesse
A cilada que ella armou.

Disse Marina ao guarda:
Você é um desgraçado.
Mil annos que viva aqui
Não passará de um soldado
Solte Alonso que está preso
Que o faço um felizardo:

Senhora, disse-lhe o guarda:
Isso faz minha desgraça
Se eu fizer isso, seu pai
Acaba até minha raça:
Disse Marina: deserte,
P'ra que você quer mais praça?

Dou-lhe 10 contos de réis
Para você o soltar,
Elle vai para o Japão
Onde ha de negociar,
Você deserta com elle
Lá pode bem se arrumar.

³⁰
Ahi o guarda sahiu,
Com ~~sentido~~ no dinheiro, *só parcam*
Ahi pode aproveitar-se *entre pôde*
Do somno do carceireiro,
Tirou-lhe as chaves do bolço.
Soltou o prisioneiro

Chegaram ambos ao jardim
Alonso com o soldado,
Ella foi ver o dinheiro
Que a annos tinha ajuntado,
Achou cem contos de réis
Dinheiro forte cunhado.

Ahi disse ella a Alonso:
Vamos lutar com a sorte,
Você fuja para o Japão
Dou-lhe um falso passa-porte,
Com as paixões de meu pai
Você vá não se importe.

Quando escrever para mim
Para não ser descoberto
Bote Januaria Mendes
Filha de Herculano Alberto,
As que eu escrever daqui
Vão Ignacio Felisberto.

Você enricando lá
Depois quando apparecer,
Meu pai estará mais brando
Não odeia mais você,
Se illude com o dinheiro
Tudo se pode fazer.

Quando foi no outro dia
O barão pode saber

Que Alonso tinha sahido
Deu-lhe febre e quiz morrer,
Não assassinou Marina
Por um padre interessado.

Com quatro dias depois
Veio um moço p'á ceiar,
Foi á casa do barão
Desse ~~moço~~ um jantar,
O tal moço vio Marina
Pediua para casar.

O barão disse que dava
Porém Marina não quiz,
Disse pessoalmente:
Commigo não é feliz,
Fóra Alonso para mim
Não houve em nenhum paiz.

Lhe replicou o barão
A força ha de cazar
Este homem é muito rico
Tem bem com que lhe tratar.
Se não me fizer o gosto
A vida te ha de custar.

Meu pai, respondeu Marina,
A morte a mim me faz bem,
O homem que casa a força
Que sentimento bom tem?

Eu sou mulher, mas a força
Não me caso com alguém.

E o Sr. cavalheiro
Saiba que está enganado,
Esposa sua eu não sou
Pois assim tenho jurado,
Pode ficar na certeza
Que não logra esse bocado.

Disse o barão: se aprompte
Que ella não se governa,
Inda que nisso iutervenha
A autoridade eterna,
Casa-se ainda que vá
Ao fundo de uma cisterna!

Faltavam apenas dois mezes
Para a realisação
Quando chegou a precatória
Foi logo as mãos do barão,
Denunciando o tal moço
Por assassino e ladrão.

Deste ficou ella livre,
Pois a justiça o prendeu,
Porém por caipora d'ella
Um primo lhe appareceu
Pedindo-a em casamento
O pai promptamente deu.

Então Marina ahí disse-lhe:
Meu pai, faça o que quizer,
Eu só caso com Alonso
Dê lá a sorte o que der,
Homem nenhum neste mundo
Terá a mim por mulher

O pai já tinha comprado
Um muito rico enxoval,
Disse a ella: você casa,
Casa por bem o por mal,
Respondeu ella: meu pai,
Eu preparei um punhal.

Então escreveu ao primo
Que não viesse casar,
Sob pena de morrer
Que era um calculo sem errar
Pois mesmo nos pés do padre
Ella havia de o matar.

Elle mandou-lhe dizer
Que abrandasse o coração.
Se esquecesse de um bandido,
Que envergonhava o barão,
Que d'alli a ~~dois dias~~ mais
Ella lhe daria a mão.

Afinal chegou o dia
Que ella havia de casar,

Disse Marina comsigo;
Por certo hei de me acabar,
Que romance interessante
Alguem de mim vai formar!

Estava o altar preparado
O bispo e um capellão,
O presidente da provincia
Que era amigo do barão;
A sala estava repleta
De homens de posição.

As criadas de Marina
Vestiram o enxoval,
Ella disse a uma dellas;
Mande que dobre o signal,
E por debaixo das roupas
Collocou logo o punhal.

Chegou ao pé do altar
Mesmo na occasião
Que o bispo preparou tudo,
E o noivo estendeu a mão
Ella cravou-lhe o punhal,
Em cima do coração.

O punhal entrou um palmo.
Elle cahiu sobre o chão,
Ella perguntou ao pai:
Está satisfeito barão?

Viu como uma mulher faz?
Cumpri minha jura ou não?

O barão ficou possesso
Quiz na mesma occasião
Vibrar-lhe outra punhalada
Deixal-a morta no chão,
Soluçava em desespero
Em pensar n'aquella acção.

Foi um irmão do tal noivo
Vingar n'ella seu irmão
Ella disse este punhal
E' tudo em minha mão.
Abaixo de Deus é elle
Quem me dá a protecção.

Ahi cravou-lhe o punhal
Elle cahiu sem alento,
Ella enxugando o punhal
Gritou: tudo em arrebento,
Até meu pae se oppuzer-se
Morre ou soffre ferimento.

Abi o bispo pegou-a
E' deu-lhe voz de prisão
Estou presa: disse ella
Mas não me entrego ao barão
Meu pae me faz assassina
E fez minha perdição.

12-4
13-
disse
o pae deigo
João tanto

Apontou para o cadaver
E lhe disse: desgraçado
Morrestes por ser cobarde
Sendo por mim avisado
Teu irmão também morreu
E tu fostes o culpado

O bispo disse: Marina,
Eu garanto tua vida
Então respondeu Marina
Ao Sr. estou rendida,
A morte não faz terror
Quando a alma está ferida.

Jurei perante meu pai
Que com outro eu não casava,
Porque o amor de Alonso
Fielmente eu conservava
E disse que esse punhal,
Era quem me advogava.

Avisei este cobarde
Já no ultimo momento,
Preveni-lhe que o matava
No acto do casamento
Aquillo o que digo faço
Já cumpri meu juramento.

Meu pai fez minha desgraça
Devido a sua ambição.

Prefiro a morrer á fome
Encerrada na prisão
Porem o amor de Alonso
Não sai do meu coração.

Se na prisão me acabar,
Fôr presente ao Creador
Se lá eu poudes falar-lhe
Direi a elle: Senhor!
Toda culpa quanto eu tive,
Foi entregar-me ao amor.

Disse o barão que a levassem
Para a prisão amarrada
Porque era uma assassina
Sanguinaria desgraçada,
Duas victimas innocentes
Fez agora esta malvada.

A criada acompanhou-a
Até entrar na prisão
Ella primeiro que tudo
Escreveu para o Japão,
Contando tudo a Alonso
O que fez a afflicção.

Alonso já tinha ganho,
Dois mil contos no Japão
Quando recebeu a carta
Quasi morre de paixão,

Disse consigo: é agora
Que eu me vingo do barão

Na carta vinha o seguinte:
Alonso! me desgracei
Meu pai quiz casar-se a força
Que não casava jurei:
Me levaram aos pés do padre
Lá mesmo o noivo matei.

Matei mais um irmão d'elle
Que interveio na questão
Porque também receiava
Que podia inda o barão,
Visto eu ter morto meu o noivo
Querer dar-me a outro irmão.

Tomou Alonso um vapor
E seguiu no mesmo dia,
E com seis dias de viagem
Chegou aonde queria,
Mudou de traje e de nome
Que ninguém o conhecia.

Encontrou na rua um homem
Que a elle pedio dinheiro
Porque esse avaliava
Que Alonso fosse estrangeiro
Alonsa o viu com umas chaves
Conheceu ser carcereiro.

Alonso ahi perguntou-lhe:
O amigo é carcereiro?
Sou: Senhor moço, disse o velho,
Um mendigo aventureiro,
Ha seis mezes que trabalho
E não recebo dinheiro.

Alonso com muito geito
Fez-lhe uma indagação
Perguntando: o senhor tem
As chaves de uma prisão,
Desta prisão onde está
A menina do barão?

E' esta, mostrou a chave
Com que eu abro-lhe a porta
Ha seis dias coitadinha
Que um ferro pezado a corta
Tanto que eu creio, amanhã
Talvez amanheça morta.

Quer vinte contos de réis
Para a tirar da prisão?
Disse Alonso mostrando
O cheque que tinha na mão,
Disse o velho: Deus me livre!
O que me faz o barão?

Amigo eu sou o Alonso
Por quem Marina está presa,

10
16
17-

Móro em Japão sou banqueiro
Tenho dinheiro e grandeza,
Vim de lá occultamente
Só tratar desta defeza.

E dou-lhe o dinheiro logo
E fuja para o Japão,
Chegue lá, pode contar
Com a minha protecção
Pois eu para os japonezes
Tenho mais força que o barão.

O velho coça a cabeça
Diz ahí: eu vou pensar
Olhava para o dinheiro
Não podia dispenhar,
Pois vinte conto de réis
Eu não deixo de ganhar.

Ha seis dias que Marina
Não via agua nem pão
Nem luz se quer lhe traziam,
Que horrivel situação!
Com doze kilos de ferro
Quasi morta sobre o chão.

Quando chegavam-lhe as dores
Ella assim mesmo gemia,
Interrogava a si propria:
Será noite ou será dia?

Nem se quer entra uma restea
Nesta maldita enxovia.

Meu Deus! oh! que cova escura,
Oh! tormento de modelo
Oh! luz do sol scintillante!
O sol mais nunca hei de vel-o,
Sou companheira das trévas
Nesta habitação de gelo.

Tambem pouco custará
A pôr termo a minha vida
Que tem que soffra essas dores
Morrer aqui opprimida?
Esse terror assim mesmo
Não me faz arrependida.

Veio o velho com Alonso
E entraram na prisão
Alonso quasi desmaia
Vendo Marina no chão,
Poz-lhe ás mãos, achou-a fria
Que fazia compaixão.

Alonso levava leite
Rapidamente aqueitou
Pondo Marina no collo
Ella com pouco accordou,
Tomou um pouco de leite
Com pouco mais melhorou.

Quando Marina accordou
Que viu Alonso a seu lado
Exclamou: meu Deus! é sonho
Eu teria me enganado?
Fitou e chamou por elle
Disse: oh! anjo abençoado!

Logo que Alonso se viu
Com Marina em seu poder
Disse consigo: eu agora
Pouco me importa morrer,
Fiz o que ella me fez
Pode o barão se morder.

Depois que elles estavam fóra
Um official sentiu
E para Alonso e Marina
Como uma fera partiu
Alonso com um punhal
Cravou-o e elle cahiu.

Chegaram mais cinco praças
A Alonso accometeram
Alonso atirou em dois
Ali mesmos elles morreram
Marina ainda mateu um
Ficaram dois e correram.

Correu ao porto e disse:
Ao capitão do navio,

Que queria partir logo,
Que o tempo estava de estio,
Este disse: agora não!
O barco ainda está vasio.

No outro dia ás dez horas
Estava o barco preparado,
O barão desconfiou
Que o barco estava fretado,
Poz em estado de sitio
Foi o navio embargado.

Correu-se canto por canto
A fim de ver se achava,
Um velho amigo de Alonso
N'uma cova os conservava,
Então o velho escondido
Todo o negocio espreitava.

Alonso mandou pelo velho
Uma carta ao capitão
Que fosse fallar com elle
Pois havia precisão,
Dizendo: eu tenho dinheiro
Que compro a navegação.

Prompto o capitão chegou
Então Alonso lhe disse:
Que queria retirar-se
Occulto que ninguem visse

A quantia de dinheiro
O capitão lhe pedisse.

Com pouco chegou um soldado
Procurando o capitão,
Chegando a elle entregou-lhe
Uma carta do barão,
Dizendo: custa-lhe a vida
Se partir para o Japão.

O capitão que era forte
Disse a Alonso: se aprompte
Embarque conduza a moça.
Commigo até ao Japão conte,
Você só sae do meu barco
Se fizerem de mim ponte.

A uma hora da madrugada
O navio abriu a vela
Seguiu de bandeira içada
Então a noite era bella,
Pois no mar isto é vantagem
Uma noite como aquella.

Assim que o vigia viu
Que Alonso tinha fugido,
Correu deu parte ao barão
Que a barca tinha se ido,
O barão deu-lhe um ataque
Ficou sobre o chão cahido.

Mandou chamar uma esquadra
E mandou que o perseguisse,
Onde pegasse o navio
Prendesse-o se resistisse,
Matasse Alonso lá mesmo
Queimasse a filha se visse.

Tinham andado dous dias
Era uma manhã muito cedo
Deu fé um dos tripulantes
Que os perseguia um torpedo
O capitão preparou-se
E disse: aqui não ha medo.

Com poucas horas distantes
O navio os alcançou,
Deram-lhe voz de prisão
O capitão se alterou,
Alonso sahiu na prôa
A batalha se travou.

Cento e quatorze soldados
Contra o barco se botavam,
O capitão morreu logo
Com os tiros que trocavam
O navio que Alonso ia
As balas o estragavam.

Marina disse a Alonso:
Se perdersse esta victoria

Toquemos fogo na polvora
Que para nós será gloria.
De nós, nem delles fica
Um só que conte a historia.

O chefe da expedição
Disse a Alonso: se rehda!
Marina com animo disse:
A nós não vejo quem prenda,
Estamos sós vamos ver
Quem é que ganha a contenda.

Disse a Alonso: peleje
E desceu logo ao porão,
Trouxe um archote já prompto
E com toda disposição
Deitando fogo na polvora
Foi medonha e explosão.

Porém Marina e Alonso,
Da explosão escaparam.
Por uma felicidade
Uma taboa ainda acharam,
Passando por perto delles
Ambos nella se pegaram.

Dos inimigos de Alonso
Apenas um se salvou
Por sua felicidade
Um salva vida ainda achou

Que foi elle que ao barão
Todo occorrido narrou.

O barão como nma téra
Depois de estar informado
Ahi foi ver o punhal
Que ainda tinha guardado
Remetteu-o ao pai dos mortos
Que era o conde seu cunhado.

E mandou pedir ao conde
Que guardasse por lembrança
O punhal com todo sangue
Como papel de uma herança
Dizendo eu só appareço
Depois de minha vingança.

Mandava dizer na carta
Ao conde de Montalvão
Vou perseguir o bandido
O mato n'um caldeirão
Marina abro-a pelas costas
Arranco-lhe o coração.

O conde mais a condessa
Quando a carta receberam
Com esta triste noticia
Que seus dois filhos morreram
Passaram oito ou dez dias
Que apenas agua beberam.

24-
25-

O conde e sua mulher
Todo dia consultava
Que de todos os seus filhos
Apenas um lhe restava
E esse para o futuro
Era quem tudo vingava.

Deixemos agora os planos
Que os condes adoptaram
Vejam Marina e Alonso
Como foi que se salvaram
Quasi nas ancias da morte
Como um protector acharam.

O navio afundou logo
Devido aos grandes estragos
Marina disse a Alonso
Morremos bem estamos pagos,
Nossas almas vão unidas
Deus verá nossos afagos.

Disse-lhe Alonso eu contigo
Da morte não tenho lembrança
Faço de conta que vou
Para o céu n'uma mudança
Teu peito serve de sombra
Onde minha alma descança.

Disse Marina sorrindo
Isso aqui é um altar

26

Os peixes são sacerdotes
Um ha de vir nos cazar
Eu fui pedida na terra
O casamento é no mar

Ambos ficaram vagando
Esperando pela morte
Alonso disse a Marina:
Vamos ver o que dá a sorte
Haja o que Deus fôr servido
Inda que a vida nos corte.

Disse Marina a Alonso
Não tenho mais esperança
O mundo, o ouro e a familia,
Risquei tudo da lembrança
Tudo com a morte se acaba
Tudo com a vida se alcança.

Olhou para Alonso e disse:
Vamos fazer oração,
Nos confessemos a Deus
E lhe peçamos perdão
Por tumba temos o mar.
Por coveiro o tubarão.

Olhou para o céu e disse:
Jesus Christo, Redemptor,
Deus e homem verdadeiro,
De todo mundo Senhor,

27

Orai por esta infeliz
Pobre escrava do amor.

Pelo tôpo do Calvario
Onde a grande cruz se ergueu,
Por vosso sangue innocente
Que em gottas na cruz desceu
Pelas chagas, pelos cravos
Perdão para o crime meu,

Pelo calix de amargura
Vos peço, meu Deus ! me acudas
Eu só mereço que faças
Para mim as ouças surdas,
Vos peço por vossas dores
E pela tragedia de Judas.

Meu Deus ! vós bem conheceis
Meu coração trahidor !
Não fiz trahição a meu pai.
Nem deste tenho rancor,
Só a vós coube saber
A sciencia do amor.

Vós peço oh ! Deus ! se quizeres
Com pena de me castigar,
Mandai que as aguas se abram
Para nellas me afogar,
Salvando Alonso é bastante
Sou satisfeita em pagar.

28

entra

Ahi Marina sentiu
Uma voz desconhecida
Dizer-lhe: tua oração
Por Deus do céo foi ouvida,
Com pycco vem uma onda
Que salvará tua vida.

Então perguntou Marina ;
Quem és tu que estás falando ?
E' tua mãe ! respondeu-lhe
S'tou sempre por ti velando,
Ha quinze annos que merri
Mas vivo te acompanhando.

Ahi chegou uma onda
Com toda força arrojou-os,
Com espaço de tres horas
Sobre uma praia botou-os,
Alonso pegou Marina
Ahi a onda deixou-os.

Já o sol ia se pondo
Seus raios de ouro morrendo,
O manto negro da noite
Sobre o mundo se estendendo,
E elles esmorecidos
Gelados no chão tremendo,

Marina exclamou: que frio !
Que fome me devorando !

Que illusões! sinto nervoso
E dores me ameaçando,
Será o anjo da morte
Que está me visitando?

Nisto sentiram pisadas
Era um homem pescador
Vio os dous cahidos alli
Gritou com todo terror
E's alma do outro mundo?
Ou serás salteador?

Não sou alma nem ladrão
Nós somos dois naufragados,
Escapamos de morrer,
Estamos aqui derrotados
Luctamos o dia inteiro
Sahimos estamos gelados.

Estão nós? perguntou o homem
Ambos: estamos senhor!
Coitados! que lastima esta!
Exclamou o pescador,
Naufragados em terra alheia
Meu Deus do céu! que horror!

Meu amigo eu sou um pobre
E pobre desprevinido
Sinto nada possuir
Disse-lhe o desconhecido,

29 entre

Porém vou em nossa casa
Ver se arrumo um vestido.

O homem com a mulher
Conseguio della um vestido
Alonso vestio Marina
Que já tinha esmorecido,
E se embrulhou numa capa
Que o homem tinha trazido.

Disse o pescador a elles
Eu não tenho o que lhes faça
Minha casa é a mais pobre
Que tem aqui nesta praça,
Vamos para lá assim mesmo
Que a noite depressa passa.

Alonso poz-se indagando
Depois de uma refeição
Se alli morava um homem
Que tivesse transacção,
Ou tomasse dinheiro
A banqueiro do Japão.

Tem Monsieur Manacés,
E Manacés mora aqui?
Mora é um negociante
A casa delle é alli,
E' meu freguez disse Alonso
Só tem é que nunea o vi.

30

172

Então Alonso escreveu-lhe
Contando todo occorrido
Contando do seu embarque
Como se tinha perdido,
E da forma que se achava
E como tinha sahido.

Manacés na mesma hora
Veio aonde Alonso estava
Perguntou-lhe o que queria
E de quanto precisava,
Disse que o que possuia
As dispor delle se achava.

Precisava da um embarcação
Para dar ao pescador
Foi muito bom para mim
Foi quasi meu salvador,
E é necessario dar-lhe
Seja que quantia for.

O navio que Alonso vinha
O mar tinha arrojado
Estava perto da praia
Que as aguas tinham botado,
Tiraram: acharam o dinheiro
Que Alonso tinha guardado.

Alonso comprou um barco
Que estava no estaleiro

Procurou um capitão
Um homem destro e guerreiro,
Que fosse conhecedor
De qualquer mar estrangeiro.

Depois de cinco ou seus dias
Tomaram o barco e partiram,
Levando quatro criados
Que para o Japão seguiram,
Mais logo ao saltar do porto
Em grande lucta se viram.

Um grande peixe feróz
Contra o barco se botou
Quasi que vira o navio
Ainda o arruinou,
Porém vinha um calafate
Ahi mesmo o concertou.

Ia tudo tão tranquillo
Nada havia de embaraço
Alonso e Marina andavam
Sempre na prôa de braço,
O barco era como uma ave
Que ia cortando o espaço.

Mostrava Alonso a Marina:
Vês este sol como brilha?
Aquelle flóco de néve
Fingindo uma maravilha?

Como é bella uma hora desta
Juntar-se as nuvens em pilha!

Nesse momento Marina
Olhando para amplidão
Observou que atraz delles
Vinha uma embarcação
Com uma bandeira encarnada
Conheceram : era o barão.

Alonso exclamou Marina
Nossa desgraça chegou
Olha aquella embarcação
Foi Deus que nos castigou
Meu Deus ! meu Deus ! que tormento
Mas Alonso a acalmou.

Disse ao capitão do barco
Sou de novo perseguido
Se o barco nos alcançar
Um de nós fica perdido
Elle hoje mata ou morre
Um ha de ficar vencido.

Marina disse a Alonso ;
Eu sou filha elle é meu pai
Com tudo ainda eu o amo
Sinto um amor que me attrai
Hoje somos inimigos
Um de encontro a outro vai.

Não passaram duas horas
Se confrontaram os guerreiros
Os navios eram bons
Ambos fortes e ligeiros
O barão se preparou
Preveniu dois artilheiros.

Então gritou a Alonso
Para este barco ! bandido
Hoje te arrependerás
De seres tão atrevido
Alonso disse : barão
Haja o que Deus fôr servido.

Ahi gritou o barão
Atire neste navio
Pois a um bandido desse
Não se fala em desafio
Se elle escapar eu vou dentro
Mato tudo a ferro frio.

Dispararam duas peças
Que o navio estremeceu
Alonso tambem de cá
Um tiro enorme lhe deu,
O navio que Alonso ia
Uma balla inda rompeu.

Alonso disse: barão
E' melhor se accommodar

Volte daqui-vá viver
Não queira me desgraçar,
Eu pago suas despesas
Para o seuhor se aquietar.

Miseravel aventureiro
Não te quero dar ouvido
Tu hoje has de me pagar
Tudo que tenho soffrido,
Num caldeirão deste barco
Tu has de ser cozido.

E repitiu outro tiro
Mas Alonso se livrou
Attingiu no capitão
Um balaço ,aterrador,
Este morreu ahí mesmo
Que não gemeu com a dor.

Um tenente-coronel
Que acompanhava o barão
Saltou no navio de Alonso
Com uma espada na mão
Marina deitou-lhe um tiro
Morreu e não fez acção.

Investiu, mais um major
Um sargento e um soldado
Marina emparelhou os tres
Com tiro tão acertado

Que matou dois no momento
Outro ficou aleijado.

O barão e dous alferes
Contra Alonso e dois criados
Ambos os vasos com os tiros
Estavam muito estragados
Pareciam seis leões
Lutando desesperado.

Marina disse: meu pai,
Deixe de ser orgulhoso
Attenda o poder de Deus
Que é unico poderoso
Lhe peço em nome de Deus
Não seja tão rigoroso.

Summa-se infeliz maldita
Não quero olhal-a um instante
Se eu aqui não me afundar
Mato a ti e a teu amante,
Mato-te ainda que Deus
Contra mim se metta adiante.

Tudo já tinha morrido
Restava elle somente
Alonso vio que morria
E o barão estava imprudente
Soltou-lhe uma dynamite
Foi-se a barca de repente.

Porem por felicidade
Sempre escapou o barão
Pegou-se num escaler
Que escapou da explosão
Escapou quasi sem roupa
Porem com o punhal na mão.

O navio que Alonso ia
De vante a ré se estragou
De gente ficaram elles
O mais tudo se acabou
Felizmente que o dinheiro
Marina logo guardou.

Submergiu-se o navio
Elles salvaram-se em um bote
Marina exclamando disse:
Meu Deus! naufragio é meu dote
Pedimos agora a Deus
Que em boa praia nos bote.

O barão desesperado
Por não poder se encontrar
Com Alonso mais Marina
Com itenção de inda lutar,
Levava o punhal nos dentes
Que chegava a se cortar.

Conseguiu a encontrar-se
Com o bote que Alonso ia

Falava mais com a colera,
Quasi que ninguem entendia
Quando olhava para elle
Todo o corpo lhe tremia.

Eis ahi disse o barão:
Vamos ver que dá a sorte
Bandido! hoje um de nós
Será herdeiro da morte,
As facas são testemunhas
Ganhe de nós quem fôr mais forte.

E se travaram na lucta
Inda Alonso se feriu
Alonso virou-lhe o bote
Elle nagua se sumiu,
Estava morrêndo afogado
Mas Marina o acudiu.

Elle salvando-se disse:
Inda fizeste esta acção?
Não julgava inda achar isto
Em teu cruel coração,
Alonso ainda falou
Elle não deu-lhe attenção.

Elle em soluço exclamava
Oh! que coração cruel
Bocca que tanto beijei,
Me parecia ter mel

Não sabia que o futuro
Era uma taça de fel.

Em noites ella pequena
Só se acalmava commigo
Se ella dormindo chorava
E eu estava sempre comsigo,
Como se cria nos braços
O mais tyranno inimigo!

Sabiu pelo mar vagando
Uma embarcação achou
Viu que era um naufragado
Parou o barco e salvou
Elle contando quem era
A embarcação o levou.

Alonso com Marina
Sahiram tambem vagando
Viram um barco japez
Adiante delles passando,
Alonso pediu soccorro
Foi logo o barco parando.

Em dia e meio de viagem
Chegaram sempre em Japão
Levavam os papeis promptos
Se casaram sem pensão,
Descançon ahí Alonso
Das intrigas do barão.

O barão, chegou em casa
Já achou tudo estragado
O palacio onde morava,
Já se tinha incendiado
Alguns predios que ainda tinha
Estava tudo hypothecado.

Dizia elle a si mesmo:
Vou morrer no estrangeiro
Aonde ninguem me conheça,
Quem já fui eu de primeiro
Ninguem zombará de mim
Quando eu não tiver dinheiro.

Elle não sabia Alonso
Para onde tinha ido
Embarcou prar o Japão
Onde era desconhecido
Um cheque que levava
Chegou lá estava perdido.

Carregou frete na rua
A fim de se alimentar
Cahin seis mezes doente
Depois de se levantar,
Para não morrer de fome
Foi preciso mendigar.

Foi procurar um emprego
De forma nenhuma achou

Apenas n'uma cocheira
Alguns mezes se empregou,
O trabalho era pesado
Elle não o aguentou.

O leitor calcule agora
Que horrivel situação,
Hoje ser um jornaleiro
Quem hontem foi um barão,
Hontem em tanta fartura
Hoje mendigando o pão.

Mas tudo isso é da vida
Dizia elle comsigo
Morrerei entre os estranhos
Sem ver siquer um amigo,
Ninguem me perguntará
Que é de teu orgulho antigo?

Aqui ninguem me conhece
Não saberão quem fui eu
Em minha terra dirão
Que o barão já morreu
Não ha quem tenha prazer
De ver soffrimento meu.

Alguns que passam por mim
Dirão: é um desgraçado!
Não sabem quem fui outr'ora
Desconhecem o meu passado,

Tambem pela sepultura
Muito breve sou chamado.

Muitas vezes o barão
Recordando o seu passado
Dizia comsigo só:
Eu sou muito desgraçado,
Eis o meu orgulho
Em que é que está tornado.

Aquelle pobre rapaz
Que anda no meio do mundo
Feito um pobre foragido
Talvez até vagabundo,
Eu merecia por isso
Um soffrimento profundo.

Minha filha sendo a unica
Que miha mulher deixou
A quem sua mãe morrendo
Tanto me recommendou,
Eu obrigar-a a chegar
Ao extremo que chegou.

Um dia que não ganhou
Com que comprar alimento
E de noute não achou
Quem lhe desse um aposento,
Essa noite para elle
Foi um carcere de tormento

Opprimido pela fome
Pois nada comeu no dia
A roupa toda rompida
Que o corpo apparecia,
Deitado n'uma calçada
Immunda molhada e fria.

Um dia disse Marina:
Meu pai ha de ter morrido,
Aquelle seu grande egoismo
Ha de tel-o consumido,
Pois o commum do orgulho
E' sempre ser abatido.

Disse Alonso: eu tenho pena
Da loucura do barão
Mas elle é muito orgulhoso
Que a ninguem presta attenção,
Com tudo isso assim mesmo
Não lhe negarei o perdão.

Alonso um dia passando
Viu deitado um ancião
Tendo encostado ao seu corpo
Uma trôxa e um bastão,
Alonso viu que elle tinha
Todos traços do barão.

Disse Marina: assim mesmo
Com toda essa crueldade

Não posso deixar de ter-lhe
Muita forçosa amisade
Elle tem odio de mim,
Eu delle tenho saudade.

Se ainda chegar um dia
Que eu veja-o hei de curvar-me
Embora o orgulho delle
Prive elle de abraçar-me,
Porem si o vir aos seus pés
Muito humilde hei de curvar-me.

× Bem na calçada de Alonso
Foi um dia elle cahir
Alonso conheceu elle,
E para não o affligir
Sem dizer nada mandou
Um criado o conduzir.

Deu-lhe um quarto com uma cama
Um medico o veio visitar
Elle fazia juizo
Mas não podia acertar,
Por que meio aquelle homem
Assim queria o tratar.

Marina elle e Alonso
Uma noite conversando
Disse elle eu sou um monstro
Era justo eu estar penando,

Assassinei uma filha.
O céo está me castigando.

Fui malvado como Herodes
Soberbo como Lusbel
Tive uma unica filha
Uma alma nobre e fiel,
Contra a razão obriguei-a
A beber taça de fel.

Eu tinha alma de féra
Só dinheiro conhecia
Nunca dei uma esmola
A um pobre que pedia,
Eu não merecia ver
Nem mesmo o claro dia.

Ah ! se ainda visse meu genro
Para pedir-lhe perdão
E pedir que me matasse
Eu lhe perdoava então
Minha vida hoje é um fardo
Della não tenho precisão.

Sou eu um incapaz ente
De um christão me socorrer
Uma lagrima em Marina
Ella não pode conter,
Alonso viu-a chorar
Foi obrigado a romper.

Seu genro, barão, sou eu
Por mim ja está perdoado
Já me esqueci disto tudo
Pode ficar descansado
Não é mais que isto o mundo
O barão estava enganado.

Bote a benção a sua filha
Fiquemos em união
Deus destina a sorte ao homem
Para ver-lhe o coração,
Faz o grande se humilhar
Ergue o morto e da-lhe acção.

O barão ficou com elle
Era de Alonso estimado
Porem um sobrinho delle
Que ainda tinha ficado
Por quem acabo de annos
Foi Alonso Assassinado

Tevemos isso a um analyse
Então ver-se-á onde vai
A soberba é abatida
No abysmo tudo cai,
Deus é grande e tem poder
Reduz ao pó qualquer ser
O poder delle não cai.

FIM

5068

A. P.

A. P.

Aviso

O auctor procederá judicialmente contra quem reproduzir o presente folheto.

A seguir: o volume completo da *Morte de Alonso e Vingança de Marina*.

18-1-2

R-9-B

6068

Handwritten signatures:
Pachet
Blanco
or
Williams

O autor reserva o direito de propriedade

Handwritten signatures:
Pachet
Munko
Barros Lima
Chambers
C. G. ...

(2012)